

reportagem cultural

Cenas da infância

Daniel Rodrigues *

Pode-se dizer que o gosto de Glênio Póvoas pelo cinema vem de berço. Nascido numa Rio Grande ainda com ares de pequena cidade, no ano de 1961, o mais velho de três irmãos do casal Aldo Ítalo e Rosa Póvoas guarda na retina as imagens da infância quando percorria o enorme galpão da fábrica de sabão do avô João Póvoas, a Duas Flechas. “Era mágico aquele lugar”, recorda. As condições de vida eram boas, principalmente em virtude do empreendedorismo do avô, imigrante português que montou a muito custo o bem-sucedido negócio.

Foi na mesma Rio Grande dos anos 1960 também que Glênio teve seus primeiros contatos com o cinema, através das sessões nos

quatro cinemas de calçada da cidade àquela época, mas, principalmente, por influência da paixão do pai pelos filmes. “Ele era fã de cinema e das estrelas de Hollywood”. Assistia desde o cinema comercial norte-americano a diretores como Woody Allen e Alfred Hitchcock. E não só amor pelos filmes, mas pela arte da catalogação. “Meu pai comprava as revistas sobre cinema disponíveis e anotava todos os filmes que assistia, desde os anos 1940”. Glênio foi contagiado pela mesma prática. Surgia ali o olhar analítico para com o cinema que o acompanha até hoje.

Mauro Póvoas, professor de Literatura e irmão mais novo de Glênio, lembra que o pai era fanático por cinema e que “contaminou” toda a família. “Ele era um diletante, mas passou sua

paixão para todos da família: minha mãe, nosso irmão do meio, Fernando, a mim, que me formei em Letras mas gosto bastante de cinema e, principalmente, o Glênio, que virou um profissional da área”.

Como nos filmes, no entanto, há os momentos de altos e baixos. Quando criança, a escola, hostil e autoritária, não lhe representava um ambiente amigável. Na família, as coisas também não iam satisfatórias. O padrão de vida começou a baixar desde que o avô deixara o negócio nas mãos do filho, que não soube administrar e levou a empresa à bancarrota. Já adolescente, no final dos anos 1970, a cabeça de Glênio já estava a 334 km de Rio Grande: na capital Porto Alegre. Queria cursar Jornalismo.



Paixão de Glênio Póvoas pelo cinema surgiu ainda na infância, em Rio Grande, influenciado pelo pai cinéfilo

Verdes anos



Com os amigos Jorge Furtado e Nora Goulart, em foto de 2022

“Dançar nos fez pular o muro.” O verso da música *Verdes Anos*, de Nei Lisboa, que intitula o filme de Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil, de 1984, traduz de forma poética o anseio de uma geração de jovens a qual Glênio Póvoas pertence. Havia a necessidade de independência diante dos pais, o conhecido “sair de casa”. Mas para isso era necessária uma boa dose de astúcia. O Brasil do início dos anos 1980 vivia ainda sob o regime ditatorial, que, embora já abrandada pela anistia, de 1978, ainda mantinha um clima de tensão e vigília.

Neste cenário, a saída de Glênio de Rio Grande para fazer faculdade na Capital era como transpor uma barreira. Primeiro, financeira, no sentido de se emancipar das raízes. Mas, principalmente, emocional. Após um semestre cursando Comunicação em Pelotas, em 1981, o jovem Glênio passou no vestibular da Pucrs para a então badalada Faculdade de Comunicação Social, a Famecos, onde, anos mais tarde, voltaria não só na condição de aluno do doutorado (2001-2005), mas também de professor da graduação e do Curso Tecnológico de Produção Audiovisual (Teccine).

A cena cultural de Porto Alegre efervescia na música, no teatro, na televisão e, claro, no cinema. A faculdade espelhava essa agitação. “Era a época dos filmes em super-8, como *Deu Pra ti, Anos 70*, e eu era um aluno dedicado”, lembra Glênio. “Foi um momento especial na história da Famecos, que infelizmente hoje decaiu muito com a dispensa de diversos professores qualifi-

cados”, lamenta.

Absorvido por esta atmosfera, Glênio buscou seu lugar ao sol. Dividia quarto com amigos, fazia bicos e buscava se manter. Ainda estudante, fez estágios no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e na Secretaria de Planejamento Municipal Porto Alegre, onde já teve contato com atividades de acervo e catalogação.

O primeiro emprego, porém, veio do Jornalismo. Já formado, em 1985, passa a integrar a redação do *Jornal do Crea-RS*, editado pelo Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Rio Grande do Sul. Mas foi no extinto *Diário do Sul*, para onde foi a convite do jornalista e escritor Carlos Urbim (1948-2015), então editor de Cultura do veículo, que as coisas começaram a melhorar tanto no bolso quanto na visibilidade. Redator e repórter, Glênio assina, então, centenas de matérias ligadas à cultura e cinema, quando teve oportunidade de ter como editor o jornalista e crítico de cinema Luiz Carlos Merten.

E havia gás para mais. Foi neste período que Glênio também teve as primeiras experiências com duas atividades que se tornariam inerentes à sua biografia: a docência e o fazer cinematográfico. Devidamente enturmado com a turma que frequentava os corredores da Famecos e os bares da Osvaldo Aranha, Glênio virou até figurante no filme *Verdes Anos*, marco daquela geração e que trata, justamente, dos conflitos adolescentes diante do futuro. “Eu estou na cena da arquibancada do jogo de futebol. Tem um plano em que eu apareço bem”, conta.